

A MUDANÇA LINGUÍSTICA DA EXPRESSÃO AMAZÔNICA *MAS* *QUANDO*: UM CASO DE GRAMATICALIDADE

Érica do Socorro Barbosa Reis

Orientadora: Nilza Barrozo Dias

Mestranda

RESUMO: Este artigo traz uma breve análise sobre a mudança linguística sincrônica que a construção amazônica “*mas quando*” vem apresentando no discurso paraense. Esta construção é utilizada em contextos de falas coloquiais e principalmente em situação conversacional ou dialógica. Sua denotação no contexto de mudança é a *negação* e a *contra argumentação* do que foi dito anteriormente. Os dados coletados para este trabalho foram extraídos de conversas do aplicativo de mensagens instantâneas chamado *WhatsApp*, *chat* e postagens do *site Facebook*, de áudios coletados na cidade de Breves (PA) e narrativas extraídas do projeto de pesquisa da Universidade Federal do Pará intitulado IFNOPAP. De acordo com o que já analisamos até o presente momento, foram encontrados três usos funcionais da construção “*mas quando*” no falar paraense, em que o primeiro uso trata-se de duas construções, o segundo trata-se de uma forma híbrida de sentido e o terceiro, um *chunking*. Estes dados foram submetidos à pesquisa que tem por base o estudo do fenômeno da gramaticalidade, por estarmos diante de uma pesquisa sincrônica que se encontra nos fundamentos da Teoria Funcionalista Centrada no Uso.

PALAVRAS-CHAVE: gramaticalidade, expressão amazônica, mudança linguística.

Introdução

Em termos de Brasil, um país de grande diversidade étnica, além de vasta extensão territorial e cultural, seu português carrega uma grande heterogeneidade e variação observada em nosso território. Na região amazônica, por exemplo, é possível encontrar ocorrências de expressões como: *égua*, *paid'égua*, *disque*, *mas quando*, etc. irreconhecíveis em outras regiões. Em razão disso, escolhemos para este trabalho

analisar os usos funcionais da construção *mas quando* no falar amazônico, tendo por base em um estudo sincrônico da linguagem.

A motivação para esta escolha foi o meu grande interesse pelas diversas formas de expressões paraenses – é assim que chamamos as gírias ou certos jargões peculiares da região faladas – tanto na capital do Pará, Belém, quanto nas regiões ribeirinhas e periféricas do estado. A priori, a expressão “mas quando” era apenas nomeada como “expressão paraense” por meu desconhecimento de que, em outros estados da região Norte do Brasil, também se fazia frequente o uso desta expressão. No entanto, ao iniciar esta pesquisa, participei de conversas informais com moradores de alguns estados da região Norte do Brasil (Amazonas e Amapá), com o intuito de saber se a expressão “mas quando” seria usada com o sentido similar e, por obter a resposta positiva, a expressão então ganhou o caráter de “expressão amazônica”. Entretanto, para esta etapa da presente pesquisa, nos utilizaremos apenas de dados da fala paraense e para isso montamos os *corpora* das seguintes formas: Gravações de fala contando narrativas orais (gravadas exclusivamente para esta pesquisa e gravadas anteriormente para outras pesquisas) e dados de escrita do *WhatsApp* e *facebook* via *print*¹.

Em relação aos objetivos deste trabalho, o principal deles é identificar a possível razão das ocorrências de 03 (três) usos funcionais de [mas] e [quando], uma vez que as conjunções juntas [mas quando] formam a expressão que, teoricamente, de acordo com o que Bybee (2010) chama de **construção**, uma vez que não identificamos mais, de forma clara, a ocorrência da conjunção adversativa prototípica **mas** e da conjunção temporal prototípica **quando** já a partir do terceiro uso identificado nos dados. Além deste, podemos fazer o destaque de outros objetivos secundários que permeiam esta pesquisa, como: i) Ressaltar que houve uma mudança construcional, tendo em vista que a construção sofreu mudança de forma e sentido; ii) Destacar que a expressão “mas quando” já a partir do segundo uso encontrado nos dados é uma variante sincrônica que demarca a ideia de negação/oposição em termos semânticos e pragmáticos na fala da região amazônica do Brasil; iii) Observar que no segundo uso funcional destacado em nossos dados, temos uma espécie de hibridismo em relação à semântica da construção “mas quando”, pois há duas formas de interpretar seu sentido, uma em forma de expressão paraense e a outra em forma de possível oração interrogativa, formas estas que veremos com clareza na sessão de análise dos dados que compõe este artigo.

¹ Forma de capturar imagens da tela do computador ou *smartphone*.

Mas, afinal, qual a razão dentro do campo estrutural, funcional e cognitivo para que a conjunção adversativa [mas] e o advérbio temporal [quando], encontrados no que chamamos de uso 1, se transformasse em expressão paraense [mas quando], encontrada nos usos 2 e 3 com denotação negativa e/ou opositiva? Esta é a pergunta-chave deste artigo e é a ela que tentaremos responder, percorrendo o caminho linguístico que vai do que é mais concreto – gramatical/tradicional baseado no estudo da forma e da estrutura – até o que é mais abstrato – baseado no funcional que está presente nas relações interpessoais de comunicação.

Arcabouço teórico

Para este artigo fizemos uso da Nova Gramática do Português Brasileiro de Ataliba T. Castilho (2012) que nos fala que a conjunção adversativa [mas] apresenta, além das propriedades sintáticas e semânticas, as propriedades discursivas, situadas em determinados contextos, inclusive de fala real. Este fato se faz interessante neste momento justamente por estarmos lidando com esse tipo de contexto nos dados referentes à pesquisa.

O autor também faz referência à gramaticalização dessa conjunção adversativa, a qual no latim tinha a forma “*magis*” e se apresentava como advérbio possuidor da função que estabelecia “comparações de quantidade e de qualidade, identificando-se ainda valores secundários de inclusão de indivíduos num conjunto.” (p.351), Vejamos, então, os exemplos do de Castilho (2012, p.351):

- (1) Precisamos de **mais** linguistas.
- (2) Ele tem **mais** livros do que seu vizinho.
- (3) Ele falou **mais** alto do que seu colega.

Nos exemplos acima ficam claras as funções que *magis* > *mais* possuía, devemos ressaltar que na forma gramaticalizada essa função ainda existe. Mas afinal, como se deu a gramaticalização em *magis* > *mais* > *mas*?

Castilho (2012, p.351) afirma que

O valor adversativo desenvolveu-se por metonímia, visto que em muitas de suas ocorrências *mas* aparece precedido de *não*, sendo que a **negação das expectativas é o valor básico dessa conjunção**. [...] O

valor inclusivo do *mais* o predispôs a atuar no sistema discursivo, como uma espécie de conectivo interacional e textual. Esse mesmo valor, após transformações metonímicas, preparou-o para atuar no sistema da gramática, como uma conjunção de contrajunção. Discurso e gramática, portanto, exploram propriedades léxico-semânticas de *mais*, dando origem a um conjunto de expressões sincrônicas que poderíamos dispor num eixo que iria de /inclusão/ para /contrajunção/. Quero sublinhar que será ilusório supor que haja uma grande nitidez separando um do outro. [grifo nosso]

O que Castilho (2012) nos apresenta nessa citação, é justamente uma de nossas hipóteses de viés sintático-semântico da ocorrência da mudança linguística que ocorre com a construção/expressão amazônica “mas quando”, uma vez que ela se apresenta na função **opositiva/contrajuntiva** em determinados contextos discursivos e textuais do falar amazônico, mais especificamente, para este trabalho, do falar paraense. E, como bem frisa o gramático, “expressões sincrônicas” foram originadas a partir dessa gramaticalização.

O autor ainda trata das questões discursivas e semântico-sintáticas de *mas*, e ressalta que na interação conversacional o *mas* pode ocorrer no intuito de organizar construções de turno, o mais recorrente, seria o *mas* aparecendo no início de um turno de fala, além disso, sob aspectos semântico-sintáticos, estes, por sua vez, são os que nos interessam mais para a pesquisa, como já fora dito anteriormente. Em relação a isso, Castilho (2012) cita três mudanças ocorridas no trajeto *magis* > *mais* > *mas*, em que a terceira mudança trata de ressaltar o ganho da função **contrajuntiva** de *mas*.

Ainda sob o ponto de vista de Castilho (2012), o *quando* atua como conjunção adverbial temporal no que tange às orações subordinadas temporais e ainda as classifica como forma de expressão de “tempo anterior, simultâneo e posterior” ao tempo da oração matriz. Em relação ao tempo simultâneo, temos a conjunção *enquanto*, já em relação aos tempos anterior e posterior, temos a conjunção *quando*.

Isso se faz importante de ser ressaltado pelo fato de que na expressão amazônica “mas quando” o *quando*, segundo nossa hipótese, não deixa de apresentar seu caráter temporal, mas, por outro lado, parece perder o caráter de tempo posterior e anterior, ou seja, de início e término de uma ação em relação à outra, e passa a ganhar um caráter temporal infinito. O autor ainda afirma que a conjunção *quando* é a mais recorrente no português culto falado no Brasil.

Bechara (2009) também nos afirma que a conjunção temporal em questão apresenta variedade de valores de acordo com o seu contexto de uso, valores esses que

podem ser especificados por outras conjunções, demarcando tempo presente ou tempo passado, como é possível notar nos exemplos abaixo (p.331):

- (4) *Quando* (=sempre que) chovia as aulas tinham que ser suspensas.
- (5) Só saímos do cinema *quando* (=depois que) o temporal passou.

Por fim, o autor nos coloca diante de uma situação inusitada em que a conjunção *quando* aparece. O autor nos chama atenção pelo caráter de contrariedade dos fatos que é encontrada na sentença oracional. Observemos o exemplo trazido pela gramática:

- (6) “Eu digo que muito veículo parece estar conduzindo passageiros apanhados ao acaso, *quando* na verdade estão levando verdadeiras combinações de passageiros.” [MACHADO, 1957:211-212]

Este exemplo extraído de um livro publicado em 1957 pode ser transportado para exemplos da atualidade “Eu fui, *quando* (= mas) nem era ainda para ir” (exemplo da própria autora). Temos aí mais uma forma em que o *quando* tem papel semântico de contrariedade de ideias.

Temos, então, algo de grande importância a ser ressaltado para a pesquisa, pois estamos diante de uma expressão que contém a conjunção adversativa com valor de negação ou oposição e o advérbio temporal *quando* que também pode apresentar o sentido contrário ou opositivo. Este fenômeno dialoga com a Teoria de Bybee (2010) ao defender que itens com propriedades estruturais semelhantes, de categorias próximas se agrupam formando um *cline* por conta de tal similaridade apresentada, logo, um *chunking*.

Por outro lado, o nosso trabalho também precisa dos estudos da Teoria Centrada no Uso e desta vez estamos diante de uma teoria que estuda o que se diz, como se diz e por que se diz daquela forma, uma vez que há a junção da funcionalidade e de aspectos cognitivos da construção, deve-se ressaltar que um *chunking* (agrupamento) trata-se de unidades colocadas em sequências que aparecem juntas e se combinam para formar as construções de uma língua, logo [mas quando] juntos em uma sequência inseparável e nesta ordem de fatores é um *chunking*, (Bybee, 2010), de valor semântico negativo e opositivo na fala do paraense, veremos com mais clareza no uso 3 no que tange a análise dos dados.

Ainda de acordo com Bybee (2010), a Teoria Centrada no Uso é a proposta mais atual dos estudos funcionalistas ditos clássicos, aqueles em que uma possível mudança se dava em um item isolado independente do contexto de uso, isto é, o contexto e o cotexto (contexto puramente linguístico) não exerciam papéis fundamentais para tal análise. Bybee (2010) ainda frisa como hipótese central da teoria que os contextos em que as construções aparecem impactam na representação cognitiva da linguagem, isso significa que as estruturas que utilizamos em uma interação verbal são selecionadas de acordo com a situação comunicativa para suprir a necessidade de interação entre os falantes.

Partindo do pressuposto de que novas construções gramaticais surgem em uma determinada língua para suprir novas necessidades de interação, a expressão “mas quando” está sendo estudada na atual pesquisa em contextos de uso sincrônicos que vão dos mais concretos aos mais abstratos, ou seja, nossos *corpora* têm o objetivo de nos dar subsídios para a verificação da mudança linguística atestada no uso 3 da expressão em questão.

Por conseguinte, Croft (2001) e Croft & Cruse (2004) assumem que o contexto pode ser considerado de forma correlacionada, ou seja, contexto de forma (Sintático, Morfológico, Fonológico) e contexto de sentido (Semântico, Pragmático, Discursivo). Levando tais fatores em consideração, pode-se afirmar que ambos os pólos são responsáveis pela motivação dos usos linguísticos, logo de suas mudanças.

Em razão disso, devemos ressaltar que há a ocorrência de uma mudança linguística de base construcional que segundo ACETI & MACHADO (2016, p. 23, apud Bybee, 2015) este processo “atinge estruturas linguísticas em todos os níveis seja a mudança sonora, analógica, gramaticalização e a criação e mudança de construções, bem como a mudança lexical”. Além disso, é ressaltado que “a mudança linguística ocorre durante o uso linguístico e os mecanismos que guiam a mudança são processos psicolinguísticos ou cognitivos operando em situações comunicativas cotidianas e no uso da língua”. Portanto, sob esses aspectos, optou-se por trabalhar a mudança linguística de base sincrônica da construção “mas quando” baseada nos pressupostos da Teoria Centrada no Uso.

Adentrando agora nos preceitos de Traugott (2010), sobre a gramaticalidade, situamos nossa pesquisa neste fenômeno porque ele diz respeito a um *cline* sincrônico que pode ser estabelecido de acordo com diferentes graus de granularidade,

normalmente feito com referência aos graus de fusão ou abstratização das estruturas. Os graus de fusão são atestados sincronicamente e podem ser vistos, por hipótese, como resultados de mudanças diacrônicas. Portanto, a expressão em questão pode ser um caso de gramaticalidade, segundo o que já pesquisamos até o momento.

Além disso, a expressão “mas quando” no contexto amazônico está passando pelo processo de mudança linguística sincrônica, não por se tratar de uma nova expressão, mas por ser a soma de dois léxicos formando uma única construção de valor sintático-morfológico gramatical diferente de acordo com o contexto e a frequência de uso.

Contudo, podemos afirmar, então, que a construção “mas quando” passou a adquirir novos significados, tornando-se, então expressão típica de valor **negativo** e **opositivo** da região amazônica, em que pode ser encontrada em contextos de fala e escrita informal, mais precisamente em gêneros discursivos dialógicos ou na tipologia narrativa que apresenta em seu corpo textual um discurso direto.

Para se chegar ao fenômeno da gramaticalidade, precisa haver o estudo sincrônico que pode ser resultado do estudo diacrônico de dada construção; além disso, no resultado do estudo diacrônico, podemos nos deparar com a justificativa da polissemia sincrônica, e, por fim, a granularidade nos aponta que vários padrões foram gerados de um, ou seja, o todo foi dividido em partes pequenas, que é exatamente o que ocorre com a construção “mas quando” no falar amazônico, uma vez que esta expressão/construção passou pelo processo de mudança linguística no que envolve forma e sentido.

A negação

Para tentarmos entender a noção de negação em termos funcionais, NEVES (2011, p.285) afirma que

A **negação** é uma operação atuante no nível sintático-semântico (no interior do **enunciado**), bem como no nível **pragmático**. É um processo formador de sentido, agindo como instrumento de **interação** dotado de intencionalidade. A **negação** é, além disso, um recurso argumentativo (ou contra-argumentativo).

Ao final desta citação a autora nos apresenta a negação também como recurso contra-argumentativo, conceito este que dialoga diretamente com a função da

construção em forma de expressão do falar paraense “mas quando”. (Constataremos isso no *corpora* analisado no tópico destinado a esta análise.)

A autora também assevera que o processo de negação se faz em torno do termo “*não*”, que tem a função de negar uma afirmação:

Não quero comer ≠ Quero comer

mas que além dele, outros elementos adverbiais, ou *não*, possuem a funcionalidade de negar – *nunca*, *jamais*, *nem* – no nível oracional:

Jamais comerei ovo cozido = *Não* comerei ovo cozido em **tempo algum**.

e

Nunca vi esse rapaz na vida = *Não* vi esse rapaz na vida em **tempo algum**.

No caso do *nem* a autora o coloca tanto em função adverbial: “A patroa que dar umas voltinhas, *nem quer* saber de jogo” quanto em função de conjunção coordenativa “**Mas**, como eu era sujeito distinto, *não* telefonou *nem* procurou pessoalmente Monticelli” (NEVES 2011, p. 287).

Neste último caso, o destaque da conjunção adversativa “mas” foi feito por nós em razão de ela fazer parte da estrutura a qual estamos estudando. Observemos, então, que se trata de uma oração de sentido negativo marcada pelos advérbios *não* e *nem* em que o *mas* carrega sua função de quebra de expectativa em relação à ideia anterior. Neste caso, por mais que não apareça em seu **contexto**, a oração que demarca a ideia anterior, ou seja, a oração matriz, subentende-se que alguém ia ligar e/ou procurar o sujeito da oração, entretanto não foi isso que aconteceu. O *mas*, portanto, corrobora os advérbios negativos para tornar a sentença toda negativa e opositiva.

Procedimentos metodológicos

Para esta pesquisa adotaremos a tipologia **narrativa** e o **gênero diálogo** em que só tivéssemos locutores e interlocutores paraenses. Os *corpora* são compostos com informantes bem variados em relação à idade (18 – 72 anos), gênero (masculino e feminino) e escolaridade (analfabeto – nível superior), além disso, trata-se de pessoas nativas do estado do Pará e/ou que já moram há mais de 20 anos no mesmo.

Tivemos três formas de coletar esses dados, a primeira foi a coleta de áudios descrita a seguir: entre duplas ou grupos de pessoas, eu, como pesquisadora, me fiz entrevistadora. Pedi aos informantes para que contassem histórias ditas míticas ou

fantásticas relacionadas à cidade de Breves, localizada na Ilha do Marajó (PA). Na medida em que essas pessoas iam narrando tais histórias, a gravação estava sendo realizada e hora ou outra eu interpelava com algumas perguntas e observações pertinentes sobre o assunto, com o intuito de gerar dinamicidade e diálogos durante a narração. Além disso, tentar fazer com que a atividade fosse semelhante a uma roda de conversas em que há pessoas contando histórias, muitas delas se tratando de relatos pessoais ou relatos indiretos, e há pessoas ouvindo e trocando informações sobre esses relatos, gerando, de fato, diálogos dentro das narrativas contadas naquele momento. O ato de interpelar foi proposital por sabermos que a expressão “mas quando” apareceria com mais frequência em trocas de turnos conversacionais.

A segunda forma foi feita da seguinte maneira: por meio de *prints* do aplicativo de mensagens instantâneas *WhatsApp*, *chat* do *site facebook* e postagens neste mesmo *site*, a pesquisadora principal deste trabalho, ao conversar com seus amigos e parentes que residem ou residiram no estado Pará, por meio do *WhatsApp*, *printava* os trechos de conversas em que a construção/expressão “mas quando” ocorria e as salvava, em formato de imagem, nos dispositivos móveis e digitais disponíveis, criando assim, um banco de dados de imagens de conversas *printadas* que posteriormente seriam analisadas. Devemos ressaltar que decidimos por fazer desta forma pelo fato de que a pesquisadora principal deste trabalho não residia em Belém no início da pesquisa, e por termos hoje o artifício de nos comunicarmos por meios de comunicação ágeis e dinâmicos interligados via *internet*.

Por fim, na terceira forma de coleta de dados, escolhemos algumas narrativas orais já transcritas que se encontram no projeto de pesquisa que atende pelo nome de IFNOPAP (Imaginário nas Formas Narrativas Oraís Populares da Amazônia Paraense) da Universidade Federal do Pará.

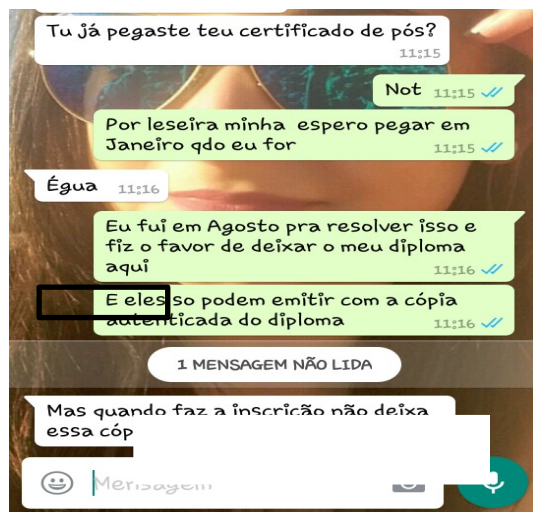
Análise dos *corpora*

Até o momento foram encontrados três tipos de usos funcionais de “mas quando”. Vejamos a seguir um exemplo de cada tipo encontrado em nossa análise:

USO 1 – USO TRADICIONAL OU COMUM

- [mas_{conjunção}] [quando_{advérbio/conjunção}]

(1) Figura 1: Whatsapp 01



Fonte: print WhatsApp

Nesta imagem capturada via *print* do *WhatsApp*, temos o *mas* fazendo o papel de conector entre os discursos ou os turnos de “fala”, além disso, ele também apresenta valor contrajuntivo em relação à “fala” anterior.

Devemos salientar também que estamos diante de uma oração adverbial temporal, conectada pelo *quando*, à oração núcleo. A oração interrogativa em sua ordem “correta” seria: “*Mas não deixa essa cópia já lá quando faz a inscrição?*”. Nela podemos ver de modo mais claro o *quando* fazendo sua função que é posta nas gramáticas tradicionais aqui já citadas.

USO 2= USO HÍBRIDO

[mas quando_{expressão/ora.interrog}] semelhante ao “*mas como?*”

(2)

E : *mas* tu acreditas nessas coisas?

D : Olha maninha...acreditar, eu acredito. Eu sinceramente *não* sei se eu teria...coragem realmente de continuar vindo estudar aqui a noite.

E : entendi... *mas* por quê?

D : ma:na, **mas qua:ndo** *que* eu ia me meter na á:gua com cobra gra:nde, com bi:cho, no escu:ro, num barco peque:no, de remo...tá doida, menina(?)²

2 O ponto de interrogação está entre parêntese por não termos certeza de que a prosódia foi de uma pergunta, mas o contexto nos direciona para uma pergunta.

Neste exemplo (2) temos o [mas quando_{expressão}] com valor semântico semelhante à interrogativa “mas como?” que expressa modo. Sempre aparece em orações que se assemelham ao formato de orações interrogativas, que não são perguntas, propriamente ditas, mas requerem uma resposta, como bem ressalta Perini (2010) e Ilari & Basso in Ilari (2014), mas essas orações não são caracterizadas como perguntas diretas polares ou não polares, daí vem a razão para caracterizarmos o uso 2 sendo híbrido, pois pode ter valor semântico de negação e de oração interrogativa. Apresentam-se como algo hipotético por conta do gênero escolhido (narrativa fantástica) que é sucedido por justificativas.

É interessante observarmos que neste dado (2) as ocorrências do *mas* sozinho iniciam um turno interrogativo, dando certa organização entre as falas, e, principalmente, apresentam a função **contrajuntiva**, ou seja, une orações, contrapondo-as. Antes do primeiro *mas* existe a possibilidade clara de que algo relacionado ao mítico da região foi dito, e em seguida ocorre o segundo *mas*, parece-nos marcador conversacional com base em Castilho (2012), que introduz uma pergunta e permanece ainda com valor **contrajuntivo**, mas marcando a sequência de informações.

Outra observação pertinente a se fazer é a ocorrência do advérbio negativo prototípico *não* que integra o contexto antecedendo a expressão foco de nosso trabalho. Este advérbio se manifesta com a função de negar toda a sentença oracional a que ele pertence, que no caso seria a afirmação de uma negação, *a da falta de coragem para estudar a noite naquela localidade*.

USO 3 = USO DA EXPRESSÃO (**CHUNKING**)

[mas quando_{expressão}]

(3)

V: Se alimpá o garapé, ele fica bom. Porque nós tomava banho aí, nós bibia água daí, nós lavava rôpa daí, agora **não, não** tens condição. As coisa do hospital... e essa uma daqui... do pessoá tudim, aí pronto...

E: agora **não** tem como?

V: **Não**

E: a senhora ia tomar banho agora?

V: **Mas quaaaaaando, nem** me fala...

Neste dado (3) o uso *mas quando* ocorre de forma isolada vindo como a frase que responde a oração interrogativa que o antecede. Nós temos aí a ocorrência da expressão amazônica em seu real significado, o que de negar uma afirmação, que neste

caso está sendo o de negar a afirmação de que a informante *V* nunca mais teria condições de tomar banho naquele rio do qual estavam falando.

Nossas pistas linguísticas apresentam-se na forma positiva, como ela falava do rio e dos benefícios que ele dava à comunidade, em seguida ela contrapõe esta ideia de limpeza do rio por meio do termo “*agora não*” e continua a transformar suas orações em orações negativas justificando por que não se pode mais tomar banho ali. Em seguida há a primeira pergunta da entrevistadora *E*, esta já contendo o advérbio *não* por já estar implícita, de acordo com os posicionamentos anteriores, a resposta da informante *V* que é apenas uma “*não*”.

Adiante, mais uma pergunta foi feita pela entrevistadora *E*, desta vez uma pergunta direcionada unicamente ao posicionamento pessoal da informante *V*, e ela mais uma vez se expressa de forma negativa e enfática, caracterizada também pelo advérbio “*nem*”, colocado posteriormente à expressão. Ou seja, *de maneira nenhuma, de forma alguma, em tempo nenhum* ela tomaria mais banho naquele rio.

Considerações finais

Temos o objetivo de abordar neste trabalho hipóteses que apresentam o motivo para a ocorrência da mudança linguística da expressão amazônica “*mas quando*”, que em forma de expressão possui função **negativa, opositiva e contrajuntiva** no falar amazônico, por isso, nos baseamos nas características que permeiam tanto os estudos tradicionais da gramática da Língua Portuguesa, quanto os estudos da teoria da Linguística Funcional, uma vez que temos ocorrência do uso dessa expressão com determinada frequência, como nos demonstram os dados até o momento coletados.

Nossa hipótese se encaminha para demonstrar que *mas quando* é um *chunking* que apresenta denotação negativa no falar amazônico pelo fato de a conjunção *mas* trazer consigo a carga **opositiva e adversativa**, o que se aproxima muito do aspecto negativo da expressão. Já o advérbio temporal *quando*, que também pode ter valor de conjunção ou pronome relativo, segundo Castilho (2010), continua demarcando um determinado tempo, que desta vez não é marcado mas indeterminado. Em suma, temos supostamente uma negação marcada principalmente pelo *mas* dentro de um tempo indeterminado marcado pelo *quando*.

Além disso, gostaríamos de ressaltar que a expressão coocorre com outras formas negativas já conhecidas em nossos estudos linguísticos e gramaticais da Língua Portuguesa no Brasil e que essas formas também contribuem para termos o entendimento semântico e pragmático de que a expressão em questão tem função negativa, como bem demonstra a análise de nossos dados.

REFERÊNCIAS

BECHARA, E. *Moderna Gramática Portuguesa*. 37. ed. Ver., ampl. e atual. Conforme o novo Acordo Ortográfico, Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

BYBEE, Joan L. *Language usage and cognition*. New York: Cambridge University press, 2010.

BYBEE, Joan L. *Língua, uso e cognição: tradução Maria Angélica Furtado da Cunha; revisão técnica Sebastião Carlos Leite Gonçalves*. São Paulo: Cortez, 2016.

CASTILHO, Ataliba T. *Gramática do Português Brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2012.

CEZÁRIO, Maura M. & GOMES, Cristina A. *Revista Linguística*. Programa de pós graduação em Linguística, 2016. Resenha de: ACETI, Bruna. & MACHADO, Natália. Rio de Janeiro, volume especial, p.23, dezembro, 2016.

CROFT, W. and CRUSE, D. A. *Cognitive Linguistics*. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.

ILARI, Rodolfo & BASSO, R. M. Advérbios verificadores. In ILARI, Rodolfo (org.). *Palavras de classe aberta*. São Paulo: Contexto, 2014.

NEVES, M. H. M. *Gramática de usos do português*. São Paulo: UNESP, 2011.

PERINI, Mário A. *Gramática do Português Brasileiro*. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.